

A LEITURA NOS ANOS INICIAIS: DESAFIOS E PERSPECTIVAS PARA UMA PRÁTICA SIGNIFICATIVA

Michele da Silva Gomes

Faculdade São Francisco da Paraíba
misilvagomes.2013@gmail.com

Lucinete Alexandre Alves Bandeira

Faculdade São Francisco da Paraíba
misilvagomes.2013@gmail.com

Valdinete Pereira Lopes

Faculdade São Francisco da Paraíba
valdinetepereiracz@hotmail.com

Abraão Vitoriano de Sousa

Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Augusto Bernardino de Sousa
abraaovitoriano@hotmail.com

Resumo: O ato de ler implica uma transformação de conhecimentos, de pensamentos, de impressões de si mesmo e do mundo, assim, a leitura pode propiciar diversos olhares e contribuir para o desenvolvimento de uma postura crítica dos sujeitos. No que concerne à escola, sobretudo das primeiras séries, o papel de professor ocupa-se em incentivar o aluno a ler de diferentes formas que envolvam a construção de saberes através da interpretação e compreensão contínuas. Em contrariedade a esse prisma, algumas escolas ainda trabalham com a leitura voltando-se para habilidades mecânicas, a exemplo dos tais exercícios de interpretação de texto (interpretação de pontos isolados) e atividades que enunciem aspectos de pronúncia/decodificação. Partindo desse pressuposto, o presente trabalho objetiva apresentar o ensino de leitura nos anos iniciais do ensino fundamental, evidenciando seus principais desafios e perspectivas para uma prática significativa. Fundamentando-se nos Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa (1997), em Picolli e Camini (2012) e em Isabel Solé (1998), realizamos uma pesquisa bibliográfica na condução de discussões e resultados pertinentes ao nosso tema estudado. Percebemos, no decorrer das questões levantadas, que para tornar nossos alunos verdadeiros leitores: o trabalho apenas com a ideia de converter letras em som é insuficiente, assim como utilizar o texto como pretexto para outras práticas. Devemos, desde o início do processo de aquisição da leitura, estimular os alunos a realizarem a leitura crítica tanto de textos, frases, imagens e outras formas que os alunos possam expor suas ideias, seu pensamento, sua compreensão sobre a leitura realizada. Precisamos construir em nossas salas de aula ambiente favorável e estimulante à leitura.

Palavras-chave: Leitura, ensino, desafios, perspectivas.

1. INTRODUÇÃO

De acordo com a 4ª edição da pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil”, realizada pelo Ibope Inteligência/Instituto Pró-Livro (2016), 44% da população brasileira não lê e 30% nunca comprou um livro; a leitura, inclusive, ocupa o 10º lugar enquanto atividades praticadas em tempo livre.

Para a autora Zoara Failla (2016, p. 20):

O desafio é conseguir despertar para a leitura uma geração quase entorpecida pela comunicação em meio digital. Ler é uma prática que exige ficar só, que pede concentração, não oferece estímulo multimídia, mas, principalmente, pede o domínio da competência leitora e do letramento. Ler não é tarefa fácil para quem ainda não foi “conquistado” e é impraticável para quem não compreende aquilo que lê.

Nesse contexto, o ensino de leitura precisa transpor atividades mecânicas, centradas em habilidades de decodificação, resumindo-se a uma abordagem sem interesse para o aluno, com interpretações superficiais e isoladas do texto. O ensino de leitura deve ter em vista o desenvolvimento de competências e a importância do “ser leitor” como agente de transformação mediante a sociedade.

O processo de leitura inclui múltiplos processos interdependentes e envolve os aspectos: cognitivo, sociocultural, afetivo. Uma das grandes preocupações no campo educacional, especialmente nas primeiras séries, corresponde justamente em como incentivar e desenvolver crianças leitoras. Por isso, o presente trabalho objetiva apresentar o ensino de leitura nas séries iniciais, destacando seus principais desafios e perspectivas.

Consideramos que a escola tem um papel transformador durante esse processo e cabe à escola e aos professores motivar, estimular e viabilizar meios para que os estudantes busquem a leitura de forma efetiva e como promotora de conhecimentos.

2. METODOLOGIA

O presente estudo referiu-se a uma pesquisa bibliográfica, descritiva e de abordagem qualitativa. A pesquisa bibliográfica, segundo Gil (2012), desenvolve-se a partir de materiais já elaborados, constituindo principalmente de livros e artigos científicos. Esse tipo de pesquisa tem como principal vantagem permitir o investigador uma vasta cobertura de fenômenos muito mais amplos que aquela que poderia pesquisar diretamente.

Do ponto de vista dos objetivos, apresenta-se como descritiva, uma vez que assinala como propósito fundamental: “a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou estabelecimento de relações entre variáveis” (GIL, 2012, p. 28).

No que corresponde à abordagem, aludiu-se a uma pesquisa qualitativa, a qual não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas.

Segundo Richardson (2008, p. 79):

A abordagem qualitativa de um problema, além de ser uma opção do investigador, justifica-se, sobretudo, por ser uma forma adequada para entender a natureza de um fenômeno social. Tanto assim é que existem problemas que podem ser investigados por meio de uma metodologia quantitativa, e há outros que exigem diferentes enfoques e, conseqüentemente, uma metodologia de conotação qualitativa.

Mediante tais aspectos, elaboramos a pesquisa no intuito de investigar acerca da avaliação da aprendizagem escolar de acordo com o levantamento e leitura das referências e, assim, sob o véis do objetivo ancorado, produzimos nosso trabalho de pesquisa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 AS CONCEPÇÕES DE LEITURA

Com base em Maria Helena Martins (2012), as concepções sobre leitura podem ser condensadas em duas visões: a primeira, como decodificação mecânica de signos linguísticos, diz respeito a uma perspectiva behaviorista-skinneriana fundamentada no “estímulo-resposta”; a segunda, como compreensão abrangente, corresponde a uma perspectiva cognitivo-sociológica, na qual o ato de ler envolve aspectos sensoriais, emocionais, intelectuais, entre outros.

Para Martins (2012), ambas concepções são indispensáveis à leitura: não faz sentido decodificar sem compreender, tampouco compreender sem decodificar. Isto é, a decodificação é importante como ponto de partida, sendo que o objetivo maior do ato de ler pauta-se na interpretação/produção de sentidos, já que segundo Martins (2012, p. 34): “[...] a leitura se realiza a partir do *diálogo* do leitor com o objeto lido – seja escrito, sonoro, seja um gesto, uma imagem, um acontecimento.”.

Embasando-se nessas concepções, a leitura ocorre a partir de níveis. O primeiro deles, o nível sensorial, caracteriza-se pela leitura por meio dos sentidos, entram em cena os sons, as cores, os cheiros e tudo aquilo que desperta prazer ou rejeição aos que sentimos. O segundo nível relaciona-se a leitura emocional, nesta o leitor passa a relevar suas subjetividades, lembranças, sentimentos, a exemplo de um personagem de conto que pode provocar na criança um espírito de

empatia. O terceiro nível, o racional, leva em conta o raciocínio e uma interpretação objetiva dos fatos e assuntos, trata-se de um dos níveis de leitura mais valorizados nas instituições educacionais por buscar o desempenho intelectual dos estudantes. (MARTINS, 2012)

Conforme Martins (2012), não há um nível de leitura que sobreponha outro, posto que

Essas leituras, se radicalizadas – realizadas sempre de modo isolado um das outras –, apresentariam aspectos altamente questionáveis, enfatizando o imediatismo (sensorial), o conservadorismo (emocional) e o progressismo (racional), “ismos” esses que, pela própria natureza, depreciariam a leitura. Felizmente é pouco provável se efetivarem radicalmente, em função da dinâmica própria do procedimento existencial do homem. Mesmo querendo forçar sua natureza com posturas extremistas, o homem lê como em geral vive, num processo permanente de interação entre sensações, emoções e pensamentos. (MARTINS, 2012, p. 81).

Na visão de Paulo Freire (2011), a leitura consiste em um ato político e um ato de compreensão, o que podemos evidenciar enquanto “leitura de mundo”, ou seja, uma apreciação crítica que implica na interpretação e “re-escrita” do lido. Freire (2011, p. 25) profere sobre sua significativa relação com a leitura: “Continuo neste esforço de ‘reler’ momentos fundamentais de minha infância, de minha adolescência, de minha mocidade, em que a compreensão crítica da importância do ato de ler se veio em mim constituído através de sua prática [...]”. Assim, há vários processos inter-relacionados no ato de ler, trata-se de um exercício que envolve contextos diversificados e amplas interpretações, o que significa dizer que cada leitor construirá seus próprios pensamentos e compreensões conforme as experiências vividas, os livros lidos, os filmes e lugares que veio a conhecer, entre outras impressões do mundo.

Reconhecemos, por isso, que a leitura é uma atividade na qual desenvolvemos o pensamento reflexivo e crítico e, desta maneira, evoluímos. Conforme Cagliari (2010, p. 130), ler consiste em uma “atividade profundamente individual e duas pessoas dificilmente fazem uma mesma leitura de um texto, mesmo científico. [...] a leitura é uma atividade de assimilação do conhecimento, de interiorização, de reflexão.”.

Acerca desse pensamento, Bamberger (2002) explicita que a leitura suscita a necessidade de familiarizar-se com o mundo, enriquecer as próprias ideias e ter experiências intelectuais, o resultado é a formação de uma filosofia de vida, compreensão do mundo que nos rodeia. Não basta apenas está inserido na sociedade, é preciso desenvolver mecanismos de participação ativa nela que só nos é proporcionado pela leitura. O ato de ler compreende uma formação para a vida, por isso faz-se necessário despertar o hábito de leitura desde a mais tenra idade.

Tendo em vista o desenvolvimento leitor dos alunos das primeiras séries, é importante observar que cada criança possui seu tempo e maturidade cerebral. Vale mencionar que os conceitos prévios da criança que devem ser respeitados. É interessante que a escola, juntamente à família, trabalhem a leitura no intuito de uma produção de sentidos, incentive o exercício dessa competência de diferentes formas e possibilite ao pequeno leitor um contato fecundo vários tipos/gêneros textuais, para que ele possa continuamente vislumbrar caminhos.

3.2 ENSINO DE LEITURA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS

Compreendemos que tanto a leitura quanto a escrita são práticas sociais de suma importância para o desenvolvimento intelectual e social dos alunos. Ambas proporcionam o desenvolvimento da comunicação e da imaginação, além de promoverem a aquisição de conhecimentos. Dessa maneira, quando lemos ocorrem diversas ligações no cérebro que nos permitem desenvolver o raciocínio. Com essa atividade aguçamos nosso senso crítico por meio da capacidade de interpretação.

Respaldoando-se nos Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa (1997), é preciso que os estudantes possam:

- compreender os textos orais e escritos com os quais se defrontam em diferentes situações de participação social, interpretando-os corretamente e inferindo as intenções de quem o produz;
- valorizar a leitura como fonte de informação, via de acesso aos mundos criados pela literatura e possibilidade de fruição estética, sendo capazes de recorrer aos materiais escritos em função de diferentes objetivos. (BRASIL, 1997, p. 33).

Nesse sentido, vale lembrar que a “interpretação” dos textos é uma das chaves essenciais da leitura. Afinal, não basta ler ou decodificar os códigos linguísticos, faz-se necessário compreender e interpretar essa leitura. E cabe à escola e aos professores desmistificar essa concepção “reducionista” sobre as práticas de leitura.

Entretanto, segundo Antunes (2003), o ensino de leitura ainda enfrenta desafios e abordagens as quais não respaldam diretamente a ascensão dos discentes no que diz respeito à linguagem como objeto de interação. Para a autora, os principais entraves concentram-se em:

- Uma atividade de leitura centrada nas habilidades mecânicas de decodificação da escrita, sem dirigir, contudo, a aquisição de tais habilidades para a dimensão da interação verbal.

- Uma atividade de leitura puramente escolar, sem gosto, sem prazer, convertida em momentos de treino, de avaliação ou em oportunidade para futuras “cobranças”.
- Uma atividade de leitura cuja interpretação se limita a recuperar os elementos literais e explícitos presentes na superfície do texto. (ANTUNES, 2003, p. 28-29)

Estas abordagens, de um modo geral, não suscitam os estudantes à compreensão de múltiplas funções sociais do ato de ler, é como se a escola pensasse na leitura como uma realização isolada, distante de seus diferentes contextos. A consequência disso está em alunos desmotivados e com dificuldades de ler e interpretar além de aspectos pontuais do texto (título, autor da obra, principais personagens, etc.).

A esse respeito, Ângela Kleiman (2008) afirma que “[...] o professor utiliza o texto para desenvolver uma série de atividades gramaticais, analisando, para isso, a língua enquanto conjunto de classes e funções gramaticais, frases e orações.”. Dentro desse contexto, vemos professores se utilizando dos textos dos livros didático unicamente para explanar conteúdos gramaticais, visando que os alunos saibam identificar no texto todas as classes gramaticais, frases e orações. É o uso da leitura como pretexto.

A despeito disso, a escola deve proporcionar espaços que culminem para a motivação e o interesse dos alunos pela a leitura, desta forma o professor tem o papel de mediar este processo, agindo de forma coesa e não apenas “mostrar” o caminho, mas sim criar condições para que o aluno construa um caminho para a leitura. Convém entender que a leitura não é algo segmentado, é uma competência essencial para o desenvolvimento pessoal, cultural e social dos sujeitos. Para Demo (2006), ler em nossa sociedade tem uma função primordial de despertar e proporcionar conhecimentos básicos os quais venham contribuir para construção integral da vida.

Ante essa perspectiva, Demo (2006) sinaliza os principais desafios da leitura. O primeiro deles considera que “ler é compreender”, isto é, atribuir significado ao lido mediante, interpretando e reconstruindo os diferentes textos em curso. O segundo desafio relaciona-se a “ler é divergir”, aqui, especificamente, defende a necessidade de o leitor problematizar informações, confrontar/desconstruir conceituações pré-estabelecidas e formar suas próprias opiniões. O terceiro desafio envolve: “ler é questionar, interpretar”, de acordo com este prisma, a leitura deve ser trabalhada mencionando sempre a capacidade crítica e argumentativa dos estudantes. O último desafio discorre sobre “ler é aprender, conhecer”, em outras palavras, “O chame mais profundo da leitura [...] é contralçar, porque desdobra a potencialidade disruptiva do conhecimento e a turbulência reconstrutiva da aprendizagem.” (DEMO, 2006, p. 81).

Para tanto, recomenda-se que o professor escolha um material que seja significativo para o aluno, assim desenvolverá o interesse do estudante em ler textos diferenciados do seu cotidiano. É importante uma aula prazerosa para prática de leitura, em um ambiente onde haja diversidade de textos, para que o aluno, ora escolha, ora seja orientando para o ato de ler. Além da seleção dos materiais e escolhas das obras, Picolli e Camini (2012) expõem outras diretrizes para o trabalho com a leitura nas séries iniciais, dentre estas:

- Desenvolver estratégias para localizar informações: ao trazer um texto para a leitura coletiva, desafie o aluno a localizar informações.
- Inferências a partir de capas de livros infantis: incentivar que os alunos busquem informações nas capas de livros infantis.
- Inferências a partir do desenvolvimento e do final de histórias: a escolha de livros para a leitura deve contemplar, além dos aspectos já tratados, a exploração dos recursos linguísticos e expressivos do texto.
- Explorar a estrutura dos textos narrativos lidos, indicando os elementos que geralmente aparecem em cada parte.
- Lendo letras de músicas: canções, como as cantigas de roda, costumam ser bastante significativas para as crianças e um precioso recurso para ajudá-las a relacionar o oral e o escrito. (PICOLLI E CAMINI, p. 67-68).

De outro modo, a leitura preconiza uma experiência única para a aprendizagem do ser humano, por meio dela podemos enriquecer nosso vocabulário, obter conhecimento, dinamizar o raciocínio e a interpretação. Assim a escola deve fazer da leitura uma prática constante, levando o aluno a ter contato com variadas obras, o que auxilia o desempenho destes em relação a diversas atividades futuras. O ato de ler precisa levar a criança à compreensão do assunto lido e não simplesmente repetição de informações, para que assim, criticamente, possa se dar a construção do conhecimento e a produção de qualquer outro texto.

Nesta perspectiva, Solé (1998) apresenta estratégias fundamentais para o ensino de leitura, conforme a autora, o ato de ler deve objetivar, sem uma ordem hierárquica e a depender das situações de ensino evidenciadas, os seguintes direcionamentos: “ler para obter uma informação” (a consulta de uma agenda, dicionário, etc); “ler para seguir instruções” (regras de um jeito, receita de uma torta, etc); “ler para obter uma informação de caráter geral” (“saber do que se trata”, “saber o que acontece”); “ler para aprender” (ampliar os conhecimentos); “ler para revisar um escrito próprio” (leitura crítica pelo autor do texto); “ler por prazer” (experiência emocional); “ler para comunicar um texto a um auditório” (um discurso, um sermão, etc); “ler para praticar a leitura em voz alta” (necessário antes uma leitura individual, silenciosa); “ler para verificar o que se compreendeu” (construir um significado do texto).

Para Solé (1998, p. 116):

O processo de leitura deve garantir que o leitor compreenda os diversos textos que se propõem a ler. É um processo interno, porém deve ser ensinado. Uma primeira condição para aprender é que os alunos possam ver e entender como faz o professor para elaborar uma interpretação de texto: quais suas expectativas, que perguntas formula, que dúvidas surgem, como chega à conclusão do que é fundamental para os objetivos que o guiam, que elementos toma ou não do texto, o que aprendeu e o que ainda tem de aprender...

Podemos destacar, desta forma, a leitura enquanto uma atividade metacognitiva, uma atividade que se faz na avaliação da própria compreensão e eficazmente produtiva. Em outras palavras, um processo que considere a dimensão interacional da linguagem, como bem postula Antunes (2003), ao declarar que o trabalho com a leitura deve ocorrer mediante uma leitura de textos autênticos, motivada, crítica e diversificada.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É através da leitura que podemos compreender e alçar voos, dar sentido as nossas vidas, mas para que isso seja uma realidade em nosso país, faz-se necessário vencer alguns desafios em virtude de uma sociedade pacifista e acomodada mediante a formação de leitores que necessita ser desenvolvida com mais afinco, prazerosa e contínua, fazendo com que as crianças e jovens do nosso país se sintam contagiadas por esse espaço de descobertas.

Em síntese, não basta identificar as palavras, mas fazê-las ter sentido, compreendendo, interpretando, relacionando o que se lê com a própria vida, ações, sentimentos. Acreditamos em uma leitura significativa e contextualizada, que leve em conta as experiências do aluno enquanto participante do processo de aprendizagem, o que contribui notavelmente para a sua formação intelectual e social. Quando a criança atribui significados ao que se lê, impulsiona e mantém viva a leitura.

Perante as estratégias de leitura elencadas ao longo desse trabalho, vale ressaltar que a escola e, especialmente o professor, se enxergue na sala de aula como um sujeito estimulador do processo de mediação entre o leitor e o escritor; e que se quebre o paradigma de que leitura só cabe nas aulas de Língua Portuguesa, com intuito da aprendizagem do código linguístico, leitura envolve todas as disciplinas do currículo escolar, objetivando o desenvolvimento de mentes pensantes em nosso alunado.



REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação.** São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa /** Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. Brasília: A secretaria, 1997.
- BAMBERGUER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura.** 7ª edição. São Paulo: Ática, 2002.
- CAGLIARE, Luiz Carlos. **Alfabetização & Linguística.** São Paulo: Editora Scipione, 2003.
- DEMO, Pedro. **Leitores para sempre.** Porto Alegre: Mediação, 2006.
- FAILLA, Zoara (org.). **Retratos da leitura no Brasil.** Rio de Janeiro: Sextante, 2016.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** 23ª Ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 2012.
- KLEIMAN, Ângela. **Leitura, ensino e pesquisa.** Campinas, SP: Pontes, 2008.
- MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura.** São Paulo: Brasiliense, 2012.
- PICOLLI, Luciana; CAMINI, Patrícia. **Práticas pedagógicas em alfabetização: espaço, tempo e corporeidade.** Erechim: Edelbra, 2012.
- RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura.** Trad. Cláudia Schilling. 6 ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.